

**ANTÍTESE OU REINVENÇÃO DA FEMINILIDADE?  
As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da ‘malhação’**

**ADRIANA ESTEVÃO<sup>1</sup>  
MARCOS BAGRICHEVSKY<sup>2</sup>**

**RESUMO:** *O presente ensaio intenciona discorrer sobre questões acerca das mulheres adeptas à cultura da ‘malhação’, em particular, aquelas praticantes do fisiculturismo, cujo objetivo é desenvolver um incrível volume muscular. As fisiculturistas buscam alcançar determinado padrão estético, peculiar a essa modalidade e é aceitável entre elas, para consegui-lo, que se usurpe os limites fisiológicos humanos e que se ‘rompa’ o modelo venusiano de feminilidade, fortemente veiculado na sociedade contemporânea. A questão evocada em primeiro plano é: o que faz com que elas desejem ter corpos incrivelmente hipertrofiados, já que tal fato implica estarem muito próximas aos corpos masculinos? Para tentar desenvolver essa problemática, foram analisadas as subjetividades e engendramentos que a perpassam, na contextualização de tal paradoxo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *mulheres fisiculturistas, feminilidade.*

**ABSTRACT:** *The current essay intends to relate some aspects about women ,who are followers of the ‘hard exercise practice’ culture, particularly the ones who practice bodybuilding, which main objective is to develop an incredible muscle volume. The bodybuilders aim to reach certain esthetic standard, peculiar to this modality, being acceptable among them, in order to get it, to overcome the human physiologic boundaries, as well as to break up the venusiano model of femininity, strongly spread within the contemporary society. The question raised above all is: what is the reason which stimulate them to aim a body incredibly hipertrophical, taking into consideration that such bodies are extremely closed to the male bodies? Trying to develop this problematic, analysis were made about its subjectiveness and contrivances, inside the context of such paradox.*

**KEY-WORDS:** *bodybuilders women, femininity.*

## Introdução

O presente estudo pretendeu problematizar questões relacionadas ao universo do fisiculturismo feminino, uma vez que para tais mulheres, o envolvimento com essa prática parece significar, de certo modo, o motivo de sua existência. O que nos instigou a conduzir a investigação foi saber os motivos que as fazem optar por uma aparência física tão próxima da considerada masculina. Essa era a questão central que mais nos inquietava. Para tal objetivo, empregamos entrevistas não-estruturadas para inquirir as fisiculturistas sobre: suas relações pessoais de intimidade (familiares, amorosas, de amizades); suas impressões a respeito de feminilidade e sexualidade; o que consideram prazer e sofrimento; e como é a vida delas em outros espaços, fora das academias de musculação.

Também utilizamos a *observação participante*, através da qual, tentamos obter, na ambiência da ‘malhação’ onde elas transitam, outros elementos, além daqueles enunciados em suas respectivas falas

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela PUC/SP; Mestre em Educação (FURB/SC); Professora no Departamento Educação Física da FURB/SC; E-Mail: adri\_estevao@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde de Criança e do Adolescente pelo Ciped/FCM/Unicamp; Membro do Grupo de Pesquisa SALUS: “Estudos em Educação Física e Saúde” (UGF/RJ).

registradas. Buscamos, desse modo, considerar o movimento de seus corpos, jeito de andar, de vestir (durante e após os treinos), de gesticular, de olhar, bem como suas reações no ambiente de convívio interpessoal da academia. Contudo, para efeito do desenvolvimento do presente texto, priorizamos analisar os aspectos sobre feminilidade e modos de vida subjacentes a tal tema.

Assim, tentamos apurar as motivações de algumas dessas mulheres, que as levam a tornarem-se ‘malhadoras convictas’. Atentamos, especialmente, para aquelas que se envolvem numa rotina de dedicação árdua e intensa de treinamentos, fato que as transformam fisicamente, fazendo com que seus corpos se pareçam com a estatuária grega clássica masculina, com músculos notadamente desenvolvidos. Será que com corpos incrivelmente hipertrofiados, as fisiculturistas se consideram femininas? Procuramos explorar o sentido de feminilidade desenvolvido por alguns autores, buscando cotejá-lo com o entendimento das fisiculturistas a esse respeito. Assim, nossa pesquisa tentou esboçar uma primeira aproximação com essas questões, através de uma modesta cartografia sobre os dados colhidos.

### **Encontro com os corpos malhadores<sup>i</sup>**

Parte considerável das mulheres que transita nas academias de ginástica e musculação, anseia moldar seus corpos com precisão, buscando assim, igualá-los aos das *top models*. Isso, de fato, só se viabilizaria através da clonagem, mas desse modo já não seriam mais elas próprias. As angústias se convergem para a vontade de perder ‘pneuzinhos’, ‘culote’, ganhar ‘cinturinha de pilão’, ficar com pernas tão ou mais rijas e torneadas do que as das atrizes de televisão e, se possível, envelhecer tardiamente como as *misses*. Essas mulheres almejam ainda ser ‘conservadas’ tal como ‘as famosas’ e prolongar ao máximo a juventude, adiando a possibilidade de terem rugas, de envelhecerem.

Há alguns caminhos para que tais objetivos sejam alcançados. É possível atingi-los sim, porém os meios não estão disponíveis para qualquer mortal. Nascer como a modelo número um do mundo seria uma das saídas, mas isso não acontece com frequência e se dá ao acaso. Assim, a medicina dispõe, *para quem pode pagar*, das mais modernas técnicas de cirurgia plástica. Por outro lado, a mídia também sugere que se pode ‘construir’ um corpo desses, ‘malhando’ nas aulas de ginástica, gastando horas pedalando numa bicicleta ergométrica, correndo na esteira elétrica ou queimando as energias num *step* (máquina que simula a subida dos degraus da escada). Ainda como complemento dessas atividades físicas é possível praticar mais algumas horas de musculação, não esquecendo da dieta que, em quase todos os casos, é bastante restritiva em relação ao consumo de calorias por dia. Nesse contexto cheio de promessas, cada indivíduo gesta seu próprio corpo. A obtenção de um padrão de beleza, consensualmente aceito, parece assegurar o segredo da felicidade eterna. As estratégias e técnicas de culto ao corpo, se evidenciam mais a partir de um determinado período, como afirma o autor a seguir:

todas essas técnicas de gerenciamento do corpo que floresceram no decorrer dos anos 80, são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação

ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima (Courtine, 1995: p.86).

Já o público masculino prefere para si, de uma maneira geral, corpos muito fortes. Isso significa ganhar volume muscular. Para eles, força está na ordem do dia. Existem algumas maneiras para que essa qualidade física seja desenvolvida. O caminho mais freqüente é o da prática regular da musculação. Por outro lado, há também outras práticas recorrentes; por exemplo, o uso de esteróides anabolizantes associado aos exercícios, uma alternativa cada vez mais em voga.

E ao mencionar essa cultura de adesão aos exercícios físicos e à moda do *fitness*, não podemos deixar de ressaltar sua 'ala' mais radical: o fisiculturismo. O termo fisiculturismo é utilizado por nós, no texto, como sinônimo de uma prática corporal masculina e feminina, que tem características peculiares: emprego de um regime de treinamento físico diário exaustivo, que lança mão de inúmeros exercícios de força, concomitante à utilização de esteróides anabolizantes, para a obtenção de exacerbado aumento da massa muscular corpórea e de significativa redução do tecido adiposo. Seus adeptos participam, quase sempre, de competições específicas, as quais se constituem como eventos de valorização de um padrão estético particular, quase como uma versão similar aos concursos de beleza feminina *Miss Mundo* e *Miss Brasil*. Aliás, o título que os campeões dessas disputas recebem é parecido com o nome dos referidos eventos de beleza: *Miss* ou *Mister Olímpia* ou então, *Mister* ou *Miss Universo*.

Não é incomum escutarmos dos praticantes do fisiculturismo, de boa parte do senso comum e, até mesmo de alguns autores que discorrem sobre tal prática, uma referência à modalidade como sendo um esporte. Porém, desde a Grécia antiga, os esportes, contextualizados a partir dos Jogos Olímpicos, têm como característica essencial a *performance* desportiva; isto é, de forma objetiva, há sempre um rendimento físico mensurável, do tipo correr mais rápido, saltar mais alto ou lançar mais longe. Tal perfil é inerente às competições chamadas de esportivas. Contrariamente, nos eventos do fisiculturismo isso não acontece. Não importa a força que os participantes possuem; eles não a utilizam nas competições. Nessa lógica, Courtine explicita:

Estranho espetáculo, entretanto: corpos (...) inchados, artificialmente bronzeados, cuidadosamente depilados e lubrificados, alinhados sobre o palco segundo um ritual que lembra os concursos de beleza femininos; mulheres mutantes, cujo sexo se apaga sob a capa de músculos. Curiosas posturas, que pensam ressuscitar a estatuária clássica, justamente quando o desmedido das anatomias ergue-se como uma injúria à arte do escultor antigo. Insólitas massas musculares, puramente decorativas, que não servem para correr, nem para arremessar, e que rompem assim com tudo aquilo que, dentro da lógica esportiva, associa músculo a movimento (1995: p.83).

Nessas competições apenas existem julgamentos de quesitos de beleza corporal subjetivos, que acontecem em meio ao processo de intensa exposição dos corpos incredivelmente hipertrofiados.

### **Malhação *versus* Feminilidade?**

É incontestável que a transformação dos corpos das fisiculturistas depende de muita dedicação em relação aos treinos, mas seria ingenuidade pensar que o elevado desenvolvimento muscular se dá somente

devido a esse fator. Para compor o treinamento, elas lançam mão do uso freqüente de drogas sintéticas, os esteróides anabolizantes, aos quais nos referimos anteriormente. Como ilustram duas competidoras (uma delas, inclusive, vice-campeã estadual na modalidade): “...é, eu freqüento uma ginecologista, fisioterapeuta, mas é no (...), ele que receita os anabolizantes. (...) faço pesquisa com ele e compro sem receita (o anabolizante).” Diz a fisiculturista ‘B’: “Na minha época tinha assim uns esteróides injetáveis e tal, mas no mercado o mais usado era um comprimido que é o mais perigoso, o hemogenin e outros...”.

Há também uma atenção especial quanto à alimentação, ao descanso e ao sono. Comedimento em boa parte dos hábitos de vida é exigência necessária nessa apologia ao culto físico, para que o resultado esperado seja alcançado. O contexto é bem contraditório, pois se por um lado existe excesso de zelo no controle rígido de certas posturas, por outro, há farta permissividade para condutas que investem no exagero em forma de músculos. Nada de excessos!... exclamam elas, ao se referirem à imperativa necessidade de regar o cotidiano fora e dentro dos treinamentos, que é povoado de inúmeras abstinências. Mas não estariam eles (os excessos) na própria exacerbação da disciplina? Essa última parece, de fato, sobra abundante, não de uma invenção diferenciada de vida, mas daquilo que se inscreve na normalidade canônica do corpo sarado.

Apolo, como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder protegê-la, o autoconhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”, ao passo que a auto-exaltação e o desmedido eram considerados como os demônios propriamente hostis da esfera não-apolínea, portanto como propriedades da época pré-apolínea, da era dos Titãs e do mundo extra-apolíneo, ou seja, do mundo dos bárbaros. (Nietzsche, 1992: p.40-41).

Em oposição a Apolo está Dionísio, desmedido, comparado ao titânico e bárbaro, mas o primeiro não podia viver sem o segundo. Nossa cultura atual opõe um ao outro e determina uma escolha excludente ao invés da mútua convivência: somos bons ou maus, belos ou feios, gordos ou magros (se somos gordos, é provável que, seguindo o pensamento dicotômico, tenhamos problemas de ordem emocional, chegando até a sermos considerados perigosos para a sociedade), pretos ou brancos, bandido ou polícia, homo ou heterossexuais, somos excesso ou falta, estamos dentro ou fora, temos de escolher entre Apolo ou Dionísio, afirmando mais uma vez as dicotomias. Será que um pouco de Apolo, não daria uma forma para a o desmedimento Dionisíaco? Porque não permitir sua coexistência, já que escolher entre um dos dois propicia a aniquilação de alguns saberes?

Os gregos, com o intento de viver melhor, criaram os deuses olímpicos. Eles representavam a materialização do fervor que o povo grego nutria pela imagem do belo, uma verdadeira obsessão pela aparência; por outro lado, tal sentimento carregava consigo o medo de morrer, a aversão a tudo que consideravam antinatural. Essa herança grega do culto ao herói, que está fortemente presente em nossos dias, faz-se representar das mais variadas formas e se espraia em distintas situações do cotidiano, justamente para alienar, para banalizar o sentido da realidade. A figura do personagem mítico ronda o imaginário social que dele torna-se dependente, pois a sensação de ser representado na imagem do heróico, parece ser um ideal perseguido por algumas pessoas, que buscam alcançar a ‘felicidade

prometida', mas sempre adiada. Assim, também "...o herói, depois de bastante martirizado pelo destino, colhia uma bem merecida recompensa em um magnífico casamento, em algumas homenagens divinas" (Nietzsche, 1992:p.107).

Simbolicamente o herói é sempre forte, um vencedor, um otimista (como queria Sócrates), porém esvaziado no seu estado de arte. É alguém que representa a força da alma; completo tanto pela pujança física, quanto espiritual, quase um deus grego, um Apolo. As 'hipermulheres' do fisiculturismo representam, através de seus supermúsculos, o desejo de felicidade e também de reconhecimento social. "...O herói se tornara um gladiador, a quem, após ter sido bastante maltratado e estar coberto de ferimentos, era ocasionalmente doada a liberdade" (Nietzsche, 1992:p.107). Apatia, impotência no agir, são comportamentos antagônicos aos dos heróis e, também, características das quais essas 'mulheres hiperbólicas' querem se afastar. O corpo delas não é o mesmo do gladiador, mas é um corpo que sofre com prazer para alcançar a recompensa através do reconhecimento público. Nesse contexto, a idéia de força e autonomia aparecem interligadas. O estereótipo do homem forte já é por nós esperado, aparece desde a Grécia antiga. Porém a mulher estava em segundo plano e o desejo delas de terem corpos hipertrofiados, era inexistente ou imperceptível socialmente. Assim, as hipermulheres surgem como uma expressão de força física; no entanto, é importante frisar que antes delas, os homens já eram muito fortes, pois culturalmente são eles que têm o papel de proteger, função que parece ter sido, já naquela época, considerada como uma virtude.

Na perspectiva galênica (século II d.c.), o modelo de corpo ideal era o masculino, sendo o sexo feminino sua versão mal acabada: nesse período a mulher era considerada apenas uma variação do homem, do ponto de vista sexual. Essa versão é ainda diferente daquela do século XVIII, momento em que ficou reservado para a mulher o ideal materno; a partir dele os discursos médicos passaram a construir um novo perfil feminino. O corpo que é considerado como parâmetro atual de perfeição (falamos daquele que vive para a conquista desta aparência modelo), é um corpo morto para as intensidades (que são as paixões), para a vida enquanto experimentação, enquanto potência de variação. As 'paixões se degeneram', enquanto o corpo biológico continua a manifestar-se numa medíocre subsistência orgânica. Os constantes sacrifícios aos quais se submetem as fisiculturistas servem como barreiras que as impedem de experienciar algo diferente da rotina ditatorial do corpo perfeito.

Ao considerarmos as freqüentes veiculações midiáticas associadas ao corpo da mulher, é possível perceber que as invenções tecnológicas foram e estão sendo taxativas, no sentido de conservá-lo cada vez mais, dentro do que é considerado sensual e feminino. Trocando em miúdos, para o sentido contemporâneo, esse corpo deve ser esguio, com predominância de curvas, músculos tonificados, mas sem exageros, pois mesmo mais gordinho ou magrinho, ele não pode prescindir da dita feminilidade. Costumeiramente, o corpo chamado de harmônico precisa apresentar proporcionalidade entre as suas partes: elas não devem se destacar uma mais do que a outra. Além do perfil físico, outras características acompanham a 'qualidade de ser feminina': submissão e obediência permanecem, de algum modo, ligadas ao modelo venusiano, que ainda nos tempos atuais continua vigente.

Ao citar Rousseau, Nunes (2000) ajuda a reforçar esses aspectos como sendo indispensáveis para a mulher. Feminilidade estaria diretamente vinculada a algumas qualidades consideradas inerentes a tal sexo: fragilidade, timidez, doçura, sedução e afetividade. “...para ele, feminilidade rima com passividade” (p.43). É salientado que naquela época “...o homem estaria mais ligado ao sexo e a mulher à maternidade e ao afeto” (p.41-42). E ainda, “...a mulher sã e feliz é a mãe de família, guardiã das virtudes e dos valores eternos” (p.41-42). Até o século XVII o modelo masculino era o referencial universal de corpo humano.

### **Sentido histórico de corpo feminino e feminilidade**

A mulher era vista, desde o século XVII até a Idade Média e o Renascimento, como um ser ameaçador, carnal, dotado de sentimentos maléficos e de um desregramento sexual perigoso. Tal herança, que veio do Cristianismo primitivo, relacionava feminilidade e sexo com a maldade. “Uma das crenças universalmente aceitas era a da inferioridade inerente e insuperável das mulheres. A mulher era filha e herdeira de Eva, a fonte do Pecado Original e um instrumento do diabo. (...) Os padres acreditavam que as mulheres seriam mais inclinadas à luxúria e aos excessos sexuais” (Nunes, 2000: p.23). Mas, apesar da imagem da mulher permanecer negativa até a época referida anteriormente, começou a existir certa mudança ideológica a partir do século XVI e principalmente no século XVII, quando surgiram, por exemplo, questionamentos sobre a infundada ligação entre feminilidade e irracionalidade estabelecida até aquele momento.

De todo o modo, a esposa continuou subjugada por Lutero, mesmo com o interesse por ele demonstrado em relação ao aumento das escolas elementares para moças e rapazes. Lutero impediu a entrada para as mulheres, pois a reforma Protestante valorizou um modelo familiar patriarcal. Só no século XVIII, com a mulher pensada para assumir a maternidade, é que uma alteração significativa ocorreu na representação do sexo feminino. A partir daí foram valorizadas e tratadas como positivas qualidades como fragilidade, sensibilidade e dependência; o que antes era imperfeito começou a se tornar a imagem da perfeição. Ainda na passagem para o século XVIII apareceu uma nova forma de se perceber as diferenças entre homens e mulheres: a questão da distinção de gênero.

Para a construção de um novo perfil feminino, mais valorizado para a função que iria desempenhar (o de mãe), tal sexo foi exposto a situações humilhantes.

No mundo antigo, homens e mulheres eram colocados na grande cadeia dos seres. O calor era um ponto fundamental da concepção de Galeno e a comparação que ele fazia entre homens e mulheres, baseado nesse elemento, colocava essas últimas como homens mutilados. O calor era o sinal de perfeição que localizava um ser vivo na cadeia hierárquica. Humanos eram mais perfeitos do que animais e homens mais perfeitos do que mulheres. O macho seria o ser humano mais quente e a mulher mais fria, sua versão imperfeita, localizando-se em um grau inferior na escala hierárquica. Biologicamente, os homens eram considerados os fetos que haviam realizado seu potencial pleno, já que haviam reunido um excedente decisivo de calor, nas etapas iniciais de coagulação no ventre (Nunes, 2000: p.31-32).

A fragilidade era usada para designar a mulher como fraca, indefesa e também como motivo para que alguns médicos explicassem tal conjunto de premissas, como sendo os aspectos principais da diferenciação entre os sexos. Para o homem, estava reservado o vigor positivo; ele estaria pronto para a vida na sociedade, nas artes e nas ciências também. Já o sexo frágil, teria que se contentar com a vida doméstica, preparando-se para a maternidade e para uma família exemplar. O corpo da mulher, comprovado pelos estudos anatômicos da época, era pré-determinado para gerar filhos. A pélvis ampla, os membros frágeis, a pele delicada, a fragilidade como parte da essência feminina, fazia do lar e da maternidade seu destino. No século XIX a bailarina, com seu delicado e frágil corpo, com sua disciplina e adestramento, tornou-se a imagem modelar sugerida para as mulheres. Esse ideal estético do corpo feminino, também coloca a mulher num estado de dependência do homem: da tutela do pai ela passa para o marido e continua submissa.

A mulher passa a ser pensada como um agente de corretivo moral no confronto com os homens, que se mantêm afastados da Igreja. O catolicismo do século XIX se escreve no feminino, numa impressionante inversão dos valores que marcaram sua história. A cultura católica fundamenta a valorização do papel materno nos comportamentos de uma piedade sentimental típicos da devoção feminina. A maternidade da Virgem apagou o pecado de Eva (Nunes, 2000: p.66-67).

Também no mesmo período histórico, nasce o feminismo, que proporcionou mudanças na vida das mulheres, como o trabalho assalariado e o direito à instrução. Ele é fruto, entre outras coisas, da participação ativa das mulheres, nos movimentos revolucionários franceses e americanos, no final do século XVIII. O feminismo tinha por objetivo o estabelecimento da igualdade entre os sexos. A mulher do final dessa época secular, ainda não fazia parte da cena pública. É no início do século XIX, que algumas delas passaram a se pensar e a se querer quase como homens (se masculinizavam vestindo-se como eles, usando ternos e buscando reproduzir, também nas atitudes, um modo de agir semelhante àquele concebido como comportamento masculino). Elas ainda lutavam e acreditavam nos seus direitos como cidadãs, isso tanto as trabalhadoras quanto as revolucionárias, passando pelos salões, pela ciência e pela literatura. Através das ordens burguesas daquele momento, sofriam ameaças caso rompessem com as regras da boa conduta que deveriam ser obrigatoriamente seguidas.

Durante o século XIX, as medidas de adestramento em relação a elas se fortaleceram. A preocupação com os desvios e transgressões das mesmas estava em pauta. No mesmo período, surge uma literatura que nega o apetite sexual feminino. Daí em diante, a mulher que ousasse explorar sua sensualidade era considerada culpada: elas tinham que negá-la. Posteriormente, a negação da sexualidade foi chamada de frigidez. Aprendeu-se, naquele tempo, que o maior inimigo da alma feminina e o maior obstáculo no caminho da salvação, era o próprio corpo.

Seguindo essa 'ordem da docilidade', alguns discursos psiquiátricos da época ainda viam a mulher sob uma perspectiva negativa. Quanto aos homens, estava reservado um perfil mais ativo e agressivo. Se acaso alguma mulher escapasse a esse perfil e demonstrasse algumas das características masculinas, provavelmente seria classificada como histérica.

A gravidez, o parto, o aleitamento, a menstruação, a menopausa, etapas fisiológicas da vida feminina criadas pela medicina e por ela vista como fases de risco, eram consideradas doenças. Estando sempre fraca, a mulher necessitaria de um homem forte o suficiente para protegê-la. Essa segurança ela encontraria no casamento.

A mulher fisiculturista parece buscar o rompimento com esse estado de idéias, apresentando-se socialmente com um corpo muito próximo ao de um homem. Porém, ao mesmo tempo em que isso acontece, o discurso delas direciona-se à valorização de uma suposta feminilidade, entremeada de valores que as rendem num retrocesso histórico ao século XIX. Fragilidade, docilidade e delicadeza em corpos hiperbólicos femininos esbarram numa perceptível, marcada e consensual noção de masculinidade física; há uma nítida interposição de sentidos paradoxais. Mas para tais mulheres, esse corpo ‘indescritivelmente malhado’ que possuem, é o escolhido para si como perfeito.

A partir do ano de 1980, as americanas e as francesas começam a sentir insatisfação com a vida doméstica que estavam levando. Segundo Ariès e Duby (1992), pesquisas mostram que são as mulheres que nessa época, ficam mais incomodadas com a vida familiar. Elas começam a colocar a maternidade em segundo plano e almejam obter sucesso como profissionais. Torna-se mais freqüente, nesse período, mulheres serem mães com quarenta anos de idade ou mais. Há um certo incentivo para que isso ocorra sem medo, pois é veiculado que esses partos são tão bem-sucedidos quanto em mulheres mais novas. Em relação ao que pensam as mulheres francesas, Simone de Beauvoir escreve: “Não queremos que as mulheres tomem gosto pelo poder e todos os defeitos do homem” (*apud* Ariès, Duby, 1992:p.569). É enfatizada então, a maternidade tardia em nome da liberação do sexo feminino, porém ainda assim, a maternidade!

Na transposição entre os séculos XIX e XX, aparecem as *mulheres forçadas* que se apresentavam em *shows* que aconteciam pelo mundo todo em teatros, *music-halls*, feiras e circos. Elas exibiam seus corpos e encantavam homens e mulheres.

Na passagem do século dezenove para o vinte, várias strongwomen adquiriram notoriedade e reconhecimento público ao apresentaram-se como “profissionais da força”. Athelda, Minerva, Athleta, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lílian Leitzel, Louise Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras, tornaram-se figuras populares a aparecer, também, nos jornais e revistas que circulavam nesta época. Seus espetáculos percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física onde, cada qual, inventa diferentes formas de exibir sua arte e, assim, adquirir prestígio e respeito (Goellner, Fraga, 2003).

*Eugene Sandow* ficou conhecido como o primeiro *Mister Olímpia*, mas em 1910 uma mulher ganhou o título de mais forte do mundo: *Sandwina*.

...nasceu em Viena, no ano de 1884 e se chamava Kate Brumbach. Filha de artistas de circo, desde criança praticava exercícios de força juntamente com três de suas irmãs que, como ela, também faziam exibições públicas demonstrando sua arte. Adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX fundamentalmente quando, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força ao erguer sobre sua cabeça um peso total de 300 libras superando o adversário

que o ergueu somente até a altura do peito. O nome *Sandwina*, o duplo feminino de Sandow, é inventado neste dia (Goellner, Fraga, 2003).

No entanto, se comparada à fama alcançada por Eugene Sandow, poderíamos dizer que dela pouco se falou. Certamente, o fato de ser mulher deve ter influenciado para que isso ocorresse. E ainda, não obstante sua efêmera notoriedade pública, *Sandwina*, denominação pela qual era reconhecida, representava uma versão feminina do nome Sandow, nada tendo a ver com seu nome verdadeiro, Kate Brumbach. Mesmo sendo ela a vencedora do desafio, foi o nome masculino designado, que lhe deu a referência de publicidade.

### **Uma outra feminilidade: das fisiculturistas**

Ao contrário do que pode pensar o senso comum e certos autores, a respeito da feminilidade das fisiculturistas, não há para elas qualquer negação, se consideram femininas sim! No entendimento muito particular dessas mulheres, tal qualidade está ligada ao uso de batom, brincos, salto alto, próteses de silicone no seio, ginga na hora de se locomoverem. Quando utilizam o termo ‘ginga’, estão se referindo ao andar da mulher brasileira, que movimenta sensualmente os quadris para os lados, o que popularmente é conhecido como rebolado. Nessa perspectiva, já reside significativa contradição, pois se há algo que definitivamente vai se perdendo nelas, devido a herança deixada pelos anos dedicados a prática do fisiculturismo, é essa ginga feminina. Não é incomum vê-las ao andar, abrindo os braços e movimentando-os bem pouco, tal como fazem os homens, quase parecendo robôs: “Entre a multidão de passantes, os *body-builders* destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O *body-builder* não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente” (Courtine, 1995:p.82).

Tal constatação revela que a auto-imagem que elas constroem de si, não corresponde a mesma percepção que outras pessoas (não fisiculturistas) têm delas. Parece então, que engendram uma outra feminilidade, talhada dentro de padrões próprios. Mas como se apresenta tal noção na concepção delas? Uma das fisiculturistas relata:

Ser feminina lá no palco é lembrar traços femininos, mas ter musculatura. Tem que ter bastante musculatura tem que ter um desenvolvimento muscular condizente com o peso. Porque lá é por peso, até 52 kg é categoria leve; até 57 kg que é a categoria média; e as mulheres acima de 57 kg até o quanto agüentarem são da categoria pesada. Então as pesadas exageram mais, parece que elas nem ligam mais para estarem femininas, nem usam mais batom; pra que? Só pra ficar chamando atenção?

Na narrativa, a entrevistada se refere às outras competidoras do fisiculturismo, pertencentes às categorias acima da sua (mais pesadas) e entende, que ‘elas’ (as outras) não trazem consigo a expressão da feminilidade, devido ao fato de não estarem preocupadas com o uso de maquiagem, citando o exemplo do batom. Sugere assim, que é por conta desse detalhe, que chamarão mais ou menos atenção para si quanto a tal quesito. Nesse discurso também fica implícito um paradoxo: se por um lado ela diz que

feminilidade está relacionada com harmonia quando ressalta as medidas e o peso corporal (“...desenvolvimento muscular condizente com o peso”), por outro, ressalta a necessidade de “ter musculatura”. Mas será que, de fato, ser feminina é ter músculos desenvolvidos? A noção vigente na sociedade brasileira, leva em consideração, entre outros requisitos, a simetria do corpo que, preferencialmente, apresenta contornos bem definidos, especialmente na proporção entre cintura e quadril e que, não conta apenas com os acessórios e bijuterias como querem as fisiculturistas. É preciso sublinhar que, historicamente, a feminilidade nunca esteve relacionada apenas à exterioridade do corpo. Delicadeza, graciosidade, obediência, fertilidade são indicativos que se repetem no percurso da humanidade, para designar uma mulher que se pretende feminina e bela. São essas qualidades que, culturalmente, as tornam diferentes dos homens.

Entende Goellner (2003) que, “...feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos a vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao ‘outro’, sendo este ‘outro’ abstrato, coletivo e socialmente imposto” (p.107). Há que se considerar ainda, que para a compreensão de Malysse (2002), as construções culturais da feminilidade e da masculinidade “...dividem os corpos em dois: as partes superiores (braços, ombros, peitorais) representam os atributos da virilidade, enquanto as partes inferiores (quadril, nádegas, pernas) encarnam os atributos da feminilidade” (p.104).

Num outro momento, perguntamos para a mesma entrevistada, qual a sua impressão a respeito do que as outras pessoas pensam dela:

...atualmente eu estou agradando muita gente. Eu dei uma mudada um pouco no corpo, não deixei ele crescer muito, me visto de uma maneira mais feminina, estou sempre me arrumando, passando batom. Eu venho na academia de brinco, eu me arrumo eu venho aqui impecável. Eu não venho que nem uma brutalidade pra treinar. Tem gente que diz que pra treinar não precisa botar roupa ‘chique’, mas eu gosto de vir impecável, PRA PROVAR QUE A GENTE CONSEGUE SER FEMININA (grifo nosso) e ser ‘atrativa’ 100% das horas do dia, então isso me faz falta, eu gosto.

O depoimento é de uma vice-campeã estadual da modalidade. Mas, curiosamente, se acompanharmos as falas tanto dela quanto de outras competidoras, notaremos que não manifestam a mesma opinião quando fazem referência a uma terceira pessoa. Na mesma entrevista, a vice-campeã estadual condena uma colega por estar ‘exageradamente forte’, porém, é notório que ambas são muito parecidas fisicamente. “...acho que a fulana até um certo tempo atrás, o físico dela me agradava mais, era mais feminina. Agora eu estou achando ela meio... (exagerada). Um dia eu a vi andando na rua e me assustei. Ela é feminina, tudo bem, mas o excesso de músculos está atrapalhando a locomoção dela”.

No relato apresentado por todas as fisiculturistas entrevistadas sempre aparece que a ‘outra’ está masculinizada, nunca elas próprias. As praticantes dessa modalidade tentam, como demonstram suas falas, separar feminilidade de silhueta corporal; ou melhor, buscam dimensionar feminilidade como sendo composta apenas por adereços e acessórios, os quais uma vez agregados ao corpo, automaticamente lhes concederiam (às fisiculturistas), em seu imaginário, a qualidade de serem femininas. As características

masculinizadas que elas vão adquirindo, devido ao uso dos esteróides anabolizantes, parecem então, passíveis de serem minimizadas em meio ao uso de adornos. Para ser considerada feminina, no entendimento do senso comum, a mulher precisa atender às normas que, atualmente, estão sujeitas a modificações que acontecem de maneira rápida. Os padrões estéticos e as ritualizações da feminilidade variam de uma cultura para a outra. Malysse (2002) considera que “a mídia participa ativamente daquilo que Baudrillard (1979) chamou de ‘moralização do corpo feminino’, da passagem de uma estética a uma ética dos corpos femininos” (p.97).

### **Encaminhando o desfecho das idéias**

Do século XVI ao XVII houve uma atenção maciça direcionada ao corpo: por meio de mecanismos de poder que procuraram torná-lo ao mesmo tempo útil e dócil, constitui-se, assim, uma nova anatomia política do corpo, como afirma Foucault (1985). Através das técnicas da penitência (aplicadas nos seminários e colégios) surgiu um investimento que não se localizava nas aptidões, mas sim no nível do desejo e da decência. Diante dessa anatomia biopolítica, aparece uma fisiologia moral da carne, que se pretende consolidar como uma verdade incontestável.

Hoje, o antigo tema força está se disseminando através de diferentes ‘fantasias e máscaras’; mais que isso, o corpo hiperbólico tem se contextualizado como a realidade de muitas pessoas. No caso específico das mulheres que se tornam fisiculturistas, parece que o medo de serem percebidas como fracas, influencia, de sobremaneira, a escolha por tal prática. Detentoras de um arcabouço peculiar de modos de agir e pensar, essas mulheres se mostram simpatizantes às normas que conduzem suas vidas.

Na nossa atual cultura, as fisiculturistas, proprietárias desses inconfundíveis corpos, causam a impressão de terem o Estado impregnado nelas: suas vidas são disciplinadíssimas, há por parte delas, subserviência às regras, ao moralismo, à rotina e à vontade de estarem ‘incluídas’ – de uma forma bastante sofrida, mas que no entendimento próprio delas, vale à pena. Há também consumo. Estão na lógica do sistema capitalista e a serviço dessa ideologia: desejam ser úteis de alguma forma e também ser reconhecidas publicamente e sair do anonimato. Mesmo sendo atingidas pela lógica atual do desemprego, com muitas delas estando ‘fora’ do mercado de trabalho formal ou subempregadas, nutrem, ainda assim, um sentimento de utilidade que persevera; de qualquer modo, estar forte é sempre melhor do que não estar, pois tal constituição física causa a impressão de potencial utilidade, mesmo que na ‘sociedade de controle’, isso já não seja tão importante quanto a participação.

É em nome da conservação da vida que elas dão mostras de justificar sua existência. Almejam chegar aos sessenta anos com aparência de trinta. Mas isso também é assaz contraditório, pois com os riscos fisiológicos que assumem para obter e perpetuar seus corpos hiperbólicos, dificilmente chegarão intactas, sem seqüelas, a tal idade. Têm, inclusive, grande chance de morrer cedo, uma vez que seus corpos, construídos e esculpido à base de substâncias químicas, comprovadamente danosas ao organismo, passam a se sujeitar à elevada prevalência de uma série de doenças graves, o que acaba por

interferir no tempo médio de expectativa de vida. Contrariamente a essa conservação da vida, Neves (1999) afirma que:

Em certas ideologias médicas, pensa-se em uma prevenção do envelhecimento – ou, para não ser muito rigoroso ou redutor, - em um retardamento do envelhecimento. Ou seja, começa-se a antecipar a velhice por uma série de métodos que se afirmam ‘retardadores’ da velhice. ‘Quanto mais cedo pudermos tomar providências, melhor’. Aqui também trata-se de ‘projetos racionais’, não de sonhos, desejos ou delírios de descontinuidade ou imortalidade. Tudo se dá em um contínuo discurso do eterno desdobramento até que se encontre a terra que, anteriormente, era prometida e que, agora, é conhecida. (p.46).

Se por um lado as fisiculturistas parecem romper o modelo venusiano de corpo da mulher ocidental, por outro, demonstram submeterem-se à lógica tradicional vigente, quando se preocupam em estar condizentes, de algum modo, com as características atuais que determinam o que é ‘ser feminina’. Elas também são incitadas socialmente e consentem, em ter que manifestar a pretensão de se sujeitarem a alguma intervenção cirúrgica estética, por exemplo, para colocar próteses de silicone nos seios ou deixar o nariz arrebitado, entre tantas outras estratégias e técnicas de modificações corporais possíveis.

Para Edmonds (2002), essas práticas de embelezamento podem ser uma forma de controle social ou também de obediência ao patriarcado. Para Bordo (1989) “... a normalização do corpo feminino é uma estratégia de controle social espantosamente durável e flexível” (Edmonds, 2002:p.191). As fisiculturistas dão indícios de que querem provar sua feminilidade adotando alguns desses procedimentos. Porém, ao mesmo tempo em que se constituem como mulheres exageradamente fortes, adotam e desejam, ao seu modo, incorporar um tipo de ‘comportamento feminino’, que se materializa muito próximo à imagem da boneca *Barbie*.

## Referências

- ARIÈS, Phillippe; DUBY, Georges. *A história da vida privada*. v. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COURTINE, Jean-Jacques. “Os Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In: SANT’ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- EDMONDS, Alexander. “*No universo da beleza*: Notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro”. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, Maternal e Feminina*: Imagens da Mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. A inominável Sandwiana e as obreiras da vida: silêncios e incentivos das obras inaugurais de Fernando de Azevedo. XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. In: *Anais...* Caxambú. MG: CBCE. setembro/2003. (no prelo)
- MALYSSE, Stéphane. “Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca”. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. “Corpo, velhice, projeto e neoliberalismo”. In: VILLAÇA, Nilza; GÓES, Fred; KOSOVSKY, Ester. *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, Silvia. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Endereço de Contato:

Adriana Estevão  
Caixa Postal 137 – Bombinhas  
Santa Catarina – CEP 88215-000  
adri\_estevão@hotmail.com

---

<sup>i</sup> O termo expressa uma gíria comumente utilizada para designar pessoas que praticam atividade física com grande frequência, seja ela qual for.